

CONVERSA COM NILDA ALVES

Maria Morais ¹
Noale Toja ²
Rebeca Brandão ³

**Nilda Alves**

Professora emérita da UERJ (2022) e pesquisadora emérita da FAPERJ com exercício na UERJ, no Programa de Pós-graduação em Educação (campus Maracanã) e no PPGE-Processos Formativos e Desigualdades Sociais (campus S. Gonçalo). É Professora titular na Faculdade de Educação/ UERJ e Faculdade de Educação/ UFF aposentada em ambas. É ex-presidente da ANPEd (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação), da ANFOPE (Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação), da ABdC (Associação Brasileira de Currículo) e da ASDUERJ (Associação dos Docentes da UERJ). Fundadora do GT12 - Currículo e do GE Cotidianos: dimensões éticas, estéticas e políticas (2021), da ANPEd. Organizadora de livros, séries e coleções, com artigos publicados no Brasil e no exterior. Pesquisadora cotidianos, currículos, redes educativas, imagens, sons, formação de docentes e artefatos curriculares, na compreensão de que os processos educativos precisam ser compreendidos em suas múltiplas dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas.

¹ Doutora e Mestre em Educação, Pedagoga e Professora da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. Participante do Grupo de Pesquisa "Redes educativas, currículos, imagens e sons", coordenado por Nilda Alves. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3170-0953>. E-mail: mariamorais@yahoo.com.br.

² Doutora em Educação e Cotidianos - ProPEd/ UERJ. Pedagoga (UERJ), Mestre e Doutora em Educação (ProPEd/ UERJ), professora mediadora do consórcio Cederj/ UERJ. Professora da rede de ensino do município do Rio de Janeiro e professora substituta do curso de Licenciatura em Educação no Campo/ UFF. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1207-2795>. E-mail: mariamorais@yahoo.com.br. E-mail: noaletoja22@gmail.com.

³ Doutora em Educação e Cotidianos - ProPEd/ UERJ, Bolsa FAPERJ. Participante do GrPesq Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons, coordenado pela Dra. Profa. Nilda Alves. Colabora em projetos de Educomunicação, Arte e Tecnologia. Produtora de audiovisual, fotógrafa e professora substituta na Faculdade de Formação de Professores no Programa Processos Formativos e Desigualdades Sociais- FFP/ UERJ. E-mail: noaletoja22@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3739-8246>. E-mail: rebecasbr@gmail.com.

Rebeca Brandão (Brandão): As conversas e os encontros com os tantos “outros” nos cotidianos, inclusive das pesquisas, instigam pesquisadores a buscarem - em suas investigações - outras possibilidades de dados, pois eles se relacionam com outras redes de *‘fazeressaberes’* tecidas pelos *‘praticantespensantes’* que participam de sua pesquisa. Em nossa memória, a ênfase que a senhora dá à seguinte afirmativa nos é marcante: “através das conversas que trocamos *‘fazeressaberes’*, que *‘aprendemosensinamos’* nos cotidianos”. A senhora poderia comentar sobre isso?

Nilda Alves (Alves): Nesse sentido, nada contra as entrevistas. Entrevistar é uma forma de você ter contato com as pessoas para obter informações. No entanto, as conversas foram aparecendo trabalhando com os cotidianos, porque a presença das conversas neles - em todos eles - é muito grande. Nós conversamos o tempo todo: nos nossos cotidianos, em casa, no trabalho, na rua, na fila do banco. A gente conversa o tempo todo. E isso nos parecia como uma coisa a ser aproveitada como possibilidade. Quer dizer: nada impede de você fazer uma entrevista, caso você queira, caso seja útil, caso interesse. A professora Stela Guedes tem um livro muito interessante sobre entrevistas e os variados tipos de entrevistas. No entanto, para trabalhar com os cotidianos, as conversas pareciam mais úteis. Isso foi muito assumido nos diversos grupos que trabalham com os cotidianos. A professora Janete Magalhães Carvalho chega a abordar isso em um livro de sua autoria. Os grupos da professora Inês Barbosa de Oliveira, do professor Carlos Eduardo Ferraço, da professora Conceição Silva Soares, chegaram a tal ponto que escrevemos artigos sobre o assunto. A conversa não foi uma oposição à entrevista, mas foi uma possibilidade, de melhor aproveitamento da comunicação que é feita nos cotidianos.

Brandão: Como as multiplicidades aparecem nas conversas e como nós - *‘praticantespensantes’* que somos - lidamos com elas? Nos cotidianos e nas pesquisas?

Alves: Essa ideia de que a conversa é algo mais presente nos cotidianos e que, portanto, assume essa diversidade de *‘espaçostempos’* e de pessoas que podem participar dela é o que mais interessante destacar. Ela vai permitir maiores possibilidades de trabalho para nós. Quando você vai conversar com uma pessoa acerca de seu cotidiano, você tem acesso a processos que são existentes naquele meio, naquele ambiente, naqueles *‘espaçostempos’* de quem dialoga com você, o que produzirá melhores possibilidades. E as conversas se apresentam como o melhor meio de comunicação para chegarmos a compreender os acontecimentos cotidianos.

Brandão: Em alguns trabalhos mais recentes que a senhora orientou percebemos que existem conversas com diferentes “interlocutores”, como por exemplo: filmes, narrativas, livros, músicas, sons, poesias... nesse sentido, como esses elementos são entendidos?

Alves: Nós dizemos “*cinconversas*”, mas não se trata de conversas com os filmes, mas sim de conversas com os docentes que viram os filmes. Numa licença poética, até podemos dizer que conversamos com o filme, porque estamos conversando com as ideias que o filme apresenta - seu roteiro, seus atores, os acontecimentos nele contidos... Mas o que nos interessa é a conversa com as pessoas que ‘*viramouviramse sentirampensaram*’ o filme e o que dizem acerca disso tudo. Nós costumamos entregar aos leitores o que o filme apresenta a partir de nossa compreensão. Quando a gente faz um artigo, como fizemos Noale Toja e eu, com o filme “O Vampiro de Dusseldorf” (direção: Fritz Lang; ano: 1933), o que a gente está fazendo é uma conversa com a nossa compreensão daquele filme. Não se trata de uma análise do filme, como o processo que se desenvolve em um cineclube. Nós conversamos com as possibilidades que aquele filme traz para o nosso pensamento, para a nossa ação em educação.

Noale Toja (Toja): É muito sutil essa relação entre conversar com o filme e conversar com aqueles que assistem aos filmes. Em alguns momentos, quando vamos falar das “*cinconversas*”, tendemos a partir do referencial do filme. A gente traz dessas experiências do que as pessoas viveram - ‘*viramouviramse sentirampensaram*’ - com o filme. Mas realmente é muito difícil trazer isso para nossas escritas...

Alves: Trago isso aqui porque de repente surge a questão “podemos conversar com qualquer coisa?”. Poder pode. Mas precisamos admitir que as conversas se dão entre pessoas. Nós precisamos ‘*fazerpensar*’ com aquilo que as pessoas estão falando nas conversas conosco.

Toja: Em outras palavras, a senhora sugere uma “*cinconversa*” assistindo a um filme conversando sobre ele; já em uma outra “*cinconversa*”, a senhora sugere assistir à gravação desta primeira “*cinconversa*”...

Alves: Isso! Porque na gravação fica registrado o que as pessoas conversaram. E tem ideias muito interessantes nessas gravações. Por exemplo, quando a gente assistiu “O Balão Vermelho” (direção: Albert Lamorisse; ano: 1956), foram trazidos nos diversos grupos, tentativas de compreensão desse balão como uma metáfora. Até que alguém disse “eu acho que o balão vermelho nesse momento representava o que hoje o celular representa”. Isso é uma fala incrível que ninguém do grupo de pesquisa

articulou até agora. E é algo que se atualiza. Ou seja, da conversa o que nos interessa é a maneira como as pessoas conseguiram *'verouvirsentirpensar'* o filme compartilhado, bem como os textos que, no projeto, se usa como auxiliar das conversas.

Maria Morais (Morais): Os artefatos tecnológicos estão cada vez mais presentes nos cotidianos. Por sua vez, estão presentes também nos cotidianos escolares, nas universidades, nas pesquisas e tantos outros lugares. Em virtude da pandemia da covid-19 muitos trabalhos que orientou e as próprias pesquisas que coordena se apropriaram ainda mais dos usos de plataformas on-line para realização de conversas. Poderia comentar um pouco mais sobre isso? Em que medida ajudam, limitam, surpreendem, subvertem etc.?

Alves: A pesquisa que venho desenvolvendo atualmente envolve grupos muito diferentes. Falo da composição dos grupos. Em uma região do Sudeste do Brasil são professores de pré-escola, educação infantil. Já no Norte são professores de apoio docente (uma função que lembra a de supervisor). No Nordeste, é uma variedade maior, são professores da rede ensino pública, da escola básica. No estado do Rio de Janeiro tem um grupo de professores de uma geração mais velha, alguns foram professores e/ou aposentados e não estão lecionando atualmente. Por isso, as conversas são lindamente variadas.

A presença dos artefatos culturais é para mim uma possibilidade de interesse das pessoas em temáticas que também nos interessa. E de fato, as pessoas têm interesse! Quer dizer, ver filmes é motivador! Filmes são usados tanto nas aulas, como em processos com formação de professores. Isso ficou evidente no Norte e no Nordeste, onde temos realizado *"cineconversas"* on-line.

Numa última conversa, surgiu uma questão incrível! Um professor trouxe o que tinha acontecido numa das escolas - eles vão às escolas para falar com os professores, fazerem reuniões, orientarem processos curriculares etc.; são chamados de AD (apoio docente). Chegando na escola, esse AD narrou que uma professora disse que estava muito feliz com uma turminha de alfabetização de doze alunos. Ele ficou feliz porque a professora estava ávida por trabalhar! Quinze dias depois a mesma professora estava em prantos, porque a secretaria matriculou em sua turma mais vinte estudantes venezuelanos com idades diferentes para serem todos alfabetizados. Ela ficou totalmente desesperada, porque não falava nada de espanhol. Na nossa *'cineconversa'*, eu falei: "bom, vamos pensar nessa situação. Porque, em primeiro lugar, trata-se de alfabetização. Os estudantes venezuelanos precisam ser alfabetizados em português. Nesse caso, as crianças brasileiras podem ter uma influência muito grande, porque as crianças aprendem muito rápido; elas vão aprender algo em espanhol e vão ensinar muito em português. A professora vai

ter que usar uma linguagem comum. Comida, por exemplo. Leva-se uma fruta da região que os estudantes venezuelanos também devem conhecer. O estudante venezuelano vai dizer que aquilo se chama outra coisa. E conversas acerca daquilo - gosto-não gosto; como-não como - vão se estabelecer entre elas”.

Cerca de dois meses depois, uma das professoras participantes, em outra ‘*cineconversa*’, relatou que o assunto foi levado à secretaria de educação da rede de ensino em questão. Após reavaliação da situação, foi designada uma professora auxiliar que falava espanhol, o que fez a turma e suas professoras caminharem bem a partir de então.

Aí eu quero dizer? Essas conversas ajudam a identificar os problemas que temos, ajudando a encontrar **com** os outros soluções possíveis - levar a questão à Secretaria de Educação, encontrando solução oficial para a questão. Então é isso que eu acho que a gente precisa trabalhar nas pesquisas que desenvolvemos: que conversas são entre as pessoas; que essas conversas ajudam a compreender melhor os cotidianos escolares - possibilitando identificar e solucionar questões. E, em nossas pesquisas auxiliam na compreensão de como são os cotidianos que investigamos, identificando os tantos e tão diferentes processos neles existentes. Os artefatos culturais - seja um texto, seja um filme -, aparecem como auxiliares dessas conversas.

Sobre as plataformas de encontros on-line, os artefatos tecnológicos e culturais, eles têm ajudado muito. Então continuar usando as tecnologias, em especial terminar um ciclo com as turmas que iniciaram nessa modalidade, se tornou necessidade para mim - e vamos escrever/estamos escrevendo acerca disso. E nos abriu caminhos para o desenvolvimento das pesquisas com grupos diversos, em diversas realidades brasileiras. Para perceber exatamente como é que esses meios permitem você continuar dando aula ou pesquisando neles/com eles, entendendo que não foram “uma coisa de pandemia” só, que são artefatos que permitem processos e articulações que não podemos perder. Aprendemos, nesse período, a usá-los e não podemos perder esse aprendizado, porque ele facilita muita coisa e nos permite criar e manter contatos com diferentes grupos em muitos ‘*espaçostempos*’. Uma coisa é precarizar a experiência educativa através desses artefatos. Outra coisa é utilizarmos isso de forma consciente, controlada, sabendo o que está fazendo e fazendo com qualidade. Eu acho que não podemos perder essa possibilidade. Nem disso, nem do *WhatsApp*, embora ele atrapalhe hoje a gente em algumas coisas (rsrsrsrsrsrs). Eu estava numa aula e me mandaram mais ou menos vinte e cinco fotografias maravilhosas que tinham tirado enquanto eu dava aula (rsrsrsrsrsrs).

E aí ficamos com raiva disso, para não ficar com raiva das pessoas (rsrsrsrsrsrs).

As conversas têm que ser com as pessoas, mas a raiva, podemos senti-la pelos artefatos tecnológicos (rsrsrsrsrs).

E muitas coisas acontecem nos cotidianos das aulas. Querem um exemplo? Hoje, por exemplo, uma estudante me perguntou sobre “repetição”, pois no texto com que

trabalhávamos, “repetição” tem aquela marca negativa. Por que isto a estava incomodando? Pergunta surgindo é uma maravilha, porque você tem condições de explicar aquilo, e de mostrar que não é o que o texto ressaltava, que é o contrário... Escola sem repetição não existe. Como você vai alfabetizar alguém sem repetir? Como é que você vai ensinar qualquer coisa se não foi repetido? E repetir de diversas formas...

Toja: E essa discussão se repete porque já a ouvi várias vezes no grupo...
(rsrsrsrsrs)

Alves: O meu professor de Matemática no curso de admissão ao Instituto de Educação, nos dava aulas de Aritmética, de fato, pois era isso que se pedia na prova de ingresso. Ele nos colocava problemas aritméticos do tipo “um tanque carrega dois litros de água por hora e vaza ‘x’ litros d’água. Em quanto tempo o tanque ficará cheio?”. Ele tinha editado um livro que tinha possuía uns dez problemas de mesmo tipo para os estudantes resolverem. Então, quando o estudante entendia o que ele dava no dia, o professor indicava a página na qual os problemas de mesmo tipo estavam e a estudante - éramos todas meninas, pois no IE só entravam meninas - passava a resolver esses dez problemas sozinha. O professor continuava explicando para a turma, de novo e de novo. Teve um dia no qual, depois dele explicar inúmeras vezes, ainda tinha estudantes que não tinham entendido. Ele parou, se debruçou na mesa, colocou a mão na cabeça e disse: “onde foi que eu errei?”. Ele colocou a culpa daquelas estudantes não estarem entendendo em si mesmo. Mas o que eu quero chamar atenção não é essa lição pedagógica - inesquecível para mim, mesmo tendo se passado setenta anos dessa aula - mas para a ideia de que a repetição era fundamental na aprendizagem daquilo. Então é essa questão de como se fala mal da repetição, quando ela é fundamental para nós. No entanto, precisamos entender que a repetição jamais será a mesma, porque ele não ensinava cada vez da mesma forma. Os problemas não eram os mesmos. Era a mesma ideia de lógica, mas não era o mesmo. Ele tinha que ter trens, carros, partindo de lugares diferentes, velocidades diferentes. É isso! A repetição não é sempre a mesma. E ressaltemos que também nós não somos mais os mesmos de uma explicação a outra, de uma vivência a outra, de uma turma a outra, de um ano a outro... E que essa repetição de muitos problemas de lógicas iguais que se repetiam, vai sendo mudada para outras lógicas diversas...

Acho que ao invés de uma entrevista, acabamos tendo uma conversa...

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra Nunes; ANDRADE, Nivea Maria da Silva. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos após muitas ‘conversas’ acerca deles. *In: OLIVEIRA, I. B. de; Peixoto, L. F.; Sússekind, M. L. (Org.). Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas - 1ª ed.* Curitiba: CVR Editora, 2019, p. 19-45.

ALVES, Nilda; FERRAÇO, Carlos Eduardo. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. *In: RIBEIRO, T.; SOUZA, R; SAMPAIO, C.S. (orgs.). Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 41-64.